

**EPITÁFIO E RENASCIMENTO DO REINADO DE NOSSA SENHORA
DO ROSÁRIO DOS PRETOS DE PIRENÓPOLIS – GOIÁS**

Saulo Pequeno¹
Daniela Barros²
Patrícia Pederiva³

Resumo: O Reinado de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos de Pirenópolis – GO, que integra as manifestações da Festa do Divino da mesma cidade, foi dado na década de 1970 como uma manifestação que iria se extinguir. Entretanto, atualmente o Reinado continua com suas festividades. Com base em entrevista realizada com o Andador do Reinado, foram procuradas pistas que ilustram de que maneira a configuração atual da manifestação se opõe às previsões tecidas anteriormente.

Palavras-chave: Culturas Populares, Reinado de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos, Educação.

A Festa do Divino Espírito Santo de Pirenópolis – Goiás, é uma celebração extensa, que envolve centenas de moradores desta cidade na sua organização e em seus festejos. Entre as diversas manifestações tradicionais das culturas populares que compõem o calendário da Festa organizado em louvor ao Divino Espírito Santo, está o Reinado de Nossa Senhora do Rosário.

Perspectivas de pesquisa denunciaram, na década de 1970 o fim do Reinado como uma manifestação praticada em Pirenópolis. Entretanto, atualmente nos anos 2010 o Reinado ainda é praticado em Pirenópolis. Com as referências à resistência do Reinado na cidade, relatos contemporâneos citam a sua presença, mas não elucidam o estado atual e estratégias que propocionaram o quadro atual. Este texto procura ilustrar brevemente a maneira como se realiza o Reinado de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos de Pirenópolis, integrante da Festa do Divino Espírito Santo da mesma cidade, contrapondo sua prática atual com o anúncio do seu desaparecimento na década de 70.

1 Doutorando em Educação (PPGE/UnB), membro-pesquisador do GEPPE/UnB (certificado pelo CNPq). saulopequeno1@gmail.com.

2 Mestranda em Educação (PPGE/UnB), membro-pesquisador do GEPPE/UnB (certificado pelo CNPq). danibps@gmail.com.

3 Professora Doutora do Programa de Pós-Graduação em Educação PPGE/UnB. Líder do GEPPE/UnB (certificado pelo CNPq). patped@unb.br.

EPITÁFIO ANUNCIADO

A Festa do Divino Espírito Santo de Pirenópolis – GO não é *uma* festa, mas um conjunto complexo de manifestações tradicionais das culturas populares brasileiras. Existem as celebrações direcionadas *diretamente* ao Divino: cortejos do Império, almoços do Imperador, procissões, folias e missas para o Espírito Santo. Mas existem também outras celebrações que, em outras cidades, sustentam-se segundo suas próprias práticas e devoções, mas em Pirenópolis são oferecidas, além disso, também ao Divino, como Congada, Reinado de Nossa Senhora do Rosário, Juizado de São Benedito, as Cavalhadas, entre outros. O conjunto de manifestações é organizado em um calendário em louvor ao Divino Espírito Santo.

Há quem diga que são várias festas em uma só festa, devido à sua capacidade de aglutinar outras manifestações religiosas e culturais, de origens as mais diversas. Há quem diga que a festa não tem fim, já que mobiliza permanentemente – e não apenas durante os festejos – toda a comunidade local. (IPHAN, 2008, p. 13)

Dentre as manifestações que compõem o calendário da Festa do Divino de Pirenópolis encontra-se o Reinado de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos – que acontece junto ao Juizado de São Benedito, e na cidade de Pirenópolis as duas manifestações, realizadas em dias diferentes, são chamadas pela população apenas como “Reinado”.

O Reinado acontece em Pirenópolis há várias gerações, cujas festividades são registradas na Ata da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos e São Benedito, cuja primeira inscrição data de 1º de junho de 1819, e no mesmo livro continuam os registros até a data de escrita deste texto, em 2016.

A duração da manifestação contraria a opinião que se publicizou na década de 1970, segundo a qual o Reinado tende a se setorizar até a minimização de sua prática e derradeiro desaparecimento, em função de que os aspectos econômicos e simbólicos não conversam com os demais aspectos da Festa do Divino (BRANDÃO, 1978).

Tal opinião tem repercussão sobre as produções mais recentes sobre a Festa do Divino:

Estas manifestações contradizem a dicotomia apontada na década de 1970 por alguns autores (principalmente BRANDÃO, 1978), que afirmam não haver trânsito – ou comunicação - entre os principais personagens do Reinado e da Festa do Divino, associando o primeiro a festejos de pobres e o segundo, aos territórios das elites sociais e econômicas locais.

Do mesmo modo, estes estudos apontavam a decadência definitiva do Reinado, condenando-o à extinção. Ao contrário, nas últimas décadas os festejos do Reinado se revigoraram, já que alguns grupos de pirenopolinos tomaram para si a responsabilidade de mantê-lo como tradição e referência cultural. (IPHAN, 2008, p. 91)

A argumentação apontava que os aspectos da Festa relacionados aos cortejos do Imperador e os festejos que possuem referência direta ao Divino possuem predominância na visibilidade dada, tanto pela comunidade local quanto pelo crescente mercado turístico, ao que se considera central para a cidade de Pirenópolis.

Tanto as famílias tradicionais e as redes de articuladores das manifestações da cidade voltariam gradativamente a sua atenção para o Império, as Cavalhadas, entre outros, de maneira que deixariam o Reinado economicamente desassistido de apoio local e de recursos. À população de menor renda e menor articulação social ficaria destinado o Reinado, até a sua definitiva perda de importância.

Ainda, a comunicação ritual, religiosa e simbólica entre o Reinado e a Festa do Divino apresentaria dificuldades de comunicação pela distância entre a celebração do Espírito Santo e o marcador étnico negro de maneira que a importância da primeira para as tradições culturais se extinguiria, discussão materializada no fim da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos e São Benedito de Pirenópolis.

Brandão destaca o fato de que houve um abandono das irmandades pelos negros. Retiraram-se os negros principalmente em dois momentos: o primeiro no período após a abolição, quando Pirenópolis sofreu um grande esvaziamento de negros, e ainda levando-se em conta o número reduzido de escravos no período devido ao declínio da mineração; e o segundo no momento da derrubada da Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos, que era um local de identidade étnica dentro da cidade. Retiraram-se também, com o tempo, os brancos ricos,

senhores de escravos, já que não havia mais escravos a serem controlados nas irmandades. (CERIPES, 2014, p. 21)

Desta maneira foi anunciado o esvaziamento do Reinado de Pirenópolis, o que não se confirma atualmente. Mas citar este temor anunciado na década de 1970 e contrapô-lo não ilustra a maneira como se configura a resistência do Reinado atualmente, apenas perpetua a mesma dualidade. Símbolo desta perpetuação é a opinião dada em 2015 do próprio autor do anúncio, Brandão, que o Reinado, mesmo nos dias atuais, também tende à extinção⁴.

O REINADO AINDA FAZ ANDANÇAS

Em 2015 foi realizada pesquisa em Pirenópolis financiada pela CAPES que resultou na dissertação de mestrado em educação intitulada “Educação, criação e autoria nas manifestações tradicionais das culturas populares: as manifestações da Festa do Divino de Pirenópolis – GO” de Saulo Pequeno (PEQUENO, 2015). Durante este trabalho foi possível conversar com Geraldo Herculano de Oliveira, ou Seu Herculano, o Andador do Reinado, sobre o Reinado de Nossa Senhora do Rosário de Pirenópolis, e como se articulava a manifestação no ano da pesquisa.

O Andador é o responsável por acompanhar os cortejos das Bandeiras entre as casas da Rainha, Rei, Juiza e Juiz e a igreja. A organização de toda a manifestação antigamente era de responsabilidade de um grupo de pessoas reunidas na Irmandade dos Pretos de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito e, com o fim da Irmandade, Seu Herculano acumula, sozinho, todas as funções referentes à organização, registro, relacionamento com a cidade e com a Igreja. (PEQUENO, 2015, p. 56)

A Irmandade de Nossa Senhora era uma comunidade de devotos que articulava, ano a ano, os festejos do Reinado e do Juizado. Com o fim da Irmandade de Pirenópolis não aconteceu o fim das celebrações, mas a tomada da responsabilidade pela

4 (ALVES, 2015, comunicação pessoal).

organização e pelos cargos de rainhas, reis, juízas e juízes por uma rede da comunidade local de devotos para a continuidade das celebrações e devoções.

Herculano: Pois é... eu sou filho de uma família tradicional pirenopolina, e em 1945 depois da guerra o meu pai recebeu do padrinho dele, chamado Fleury... tá o nome dele aqui [na Ata], nós acha agora mesmo. Então ele pegou e chamou meu pai e falou “ó, eu não dou conta de andar no Reinado mais”. Então ele falou pro meu pai, “você toma conta do Reinado pra mim”. Chama Andador do Reinado. Aí meu pai pegou e começou a tomar conta do Reinado. Eu tenho essa inscrição que começa desde 1919, essa ata aqui.

[...]

Foi o que meu pai conseguiu dele, de 19. Poderia ter mais livro, mas aí meu pai trouxe essa daqui, que vem de lá até agora. Maurílio Fleury o nome dele, chamava Maurílio Fleury. E vem... 1922, 1923. Isso aqui foi o que nós conseguimos guardar, esse livro que tá essa reunião da Ata da Irmandade dos Pretos de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito.

Aí meu pai pegou os livros, pegou a coroa, pegou essas coisas do Reinado, tá tudo guardado aqui em casa como a Banda de Couro, coisa e tal. E começou o Reinado. Ficou com ele até quando ele morreu em mil novecentos e... tá a data aqui [no livro]. Meu pai já era em 60, já era o andador. Em 45 tá a data precisa de quando ele passou pro meu pai.

[...]

Aconteceu o seguinte. Meu pai sofreu um desastre de carro e quebrou a perna. Aí veio o Reinado. “Herculano, vai lá”, porque chama Andador do Reinado. Então, porque Andador? Porque você tem que ir atrás. Por exemplo, hoje eu já fui atrás da Rainha...[...]

Percebe-se que uma festividade e uma devoção, por fazerem parte de uma referência coletiva, incitaram nas pessoas uma atitude de entrega para a prática comunitária, e não o seu abandono. O Sr. Fleury Curado, em primeiro lugar, assumiu a responsabilidade do cargo de Andador, que repassou adiante ao pai de Seu Herculano, e finalmente ao Andador que ocupa o cargo nos dias de hoje.

A força das transformações próprias das tradições culturais não reside apenas no contexto socioeconômico e nas trocas de referências simbólicas, mas também no poder de resistência e articulação da sua rede de participantes, que pode inverter a lógica da desvalorização em um ato de entrega, fé e respeito a uma prática ancestral. Ainda, a característica familiar de continuidade das tradições, tão característica de grande parte

das manifestações tradicionais das culturas populares se faz presente na continuidade de seus articuladores, como é percebido pelo envolvimento da família de Seu Herculano com pai filho e irmão, além da comunidade local entre vizinhos, amigos e devotos:

Herculano: Ah, o meu irmão ajuda muito, é o Inácio da Luz de Oliveira. Na reunião ele tá aí, ó [na Ata]. Tá eu e ele aqui. Toda reunião ele tá junto. “Eu, Geraldo Herculano de Oliveira, no encargo do Reinado escrevi essa ata. Comuniquei ao Vigário da Paróquia Nossa Senhora do Rosário o Padre Luiz Virtuoso os nomes dos integrantes do Reinado desse ano, são:...” Aí tá o nome dos reis. Que nome é esse aqui? Redimília? Nossa, essa mulher casou, mudou não sei pra onde... (risos) então tá aí...

[...]

Aí, tá aqui o meu irmão. No dia 6 de abril de 2006 na Igreja do Senhor do Bonfim às 19 horas, Geraldo Herculano Oliveira, Inácio da Luz de Oliveira, Gracilene da Silva, Francisco Cardoso da Silva e Nassinha Cardoso da Silva, José Maria de Oliveira, outro irmão meu, José Maria de Oliveira, que chamava Zuca, ele morreu já, Marta de Oliveira Lobo, Galeno Júlio de Melo! Até o galeno nessa reunião em 2006, tava lá junto comigo, que é o pai da Gislene. Ele tava na reunião de quem seria Rei.

[...]

Ele tava na reunião... Ah! Ele foi Rei de Nossa Senhora do Rosário, o Galeno, no dia que abriu aqui! Mas como é que abre tudo em cima dele aqui? (risos) 2006 uai. O pai dela foi o Rei. Galeno Júlio da Silva, o nome dele, e Maria Mendonça. Faz junto, faz uma festa só numa casa.

Como anunciado na década de 1970, sobre o recorte da setorização das ações em meio à população, o Reinado apresenta hoje uma rede de articuladores de suas tradições menor em escala do que as festividades que teem relação de devoção direta com o Divino. Na passagem de alguns anos pela Ata da Irmandade (em que a Irmandade se findou, mas continuam os registros no mesmo livro) é possível perceber que as mesmas pessoas ocuparam diferentes cargos, acumulando atribuições ano a ano, para possibilitar que a festa corra sem descontinuidades.

É possível dizer que, diante de todo o esforço de gerações e da comunidade de detentores e articuladores do Reinado, uma parte da população passou a reconhecer e valorizar o Reinado e o Juizado, frequentando com assiduidade e alegria seus festejos. É uma parte significativa da população, porque é qualitativamente relevante.

Enquanto as festividades centrais de Pirenópolis – Império do Divino e as Cavalhadas – atraem muitos turistas, visibilidade externa e a atenção da região geográfica central da cidade, o Reinado é valorizado pelos moradores e famílias tradicionais da cidade. São os artesãos tradicionais, os congadeiros, os tradicionais promotores da cultura local, entre outros, que frequentam o Reinado ano a ano, e não o colocam como menor ou menos importante do que qualquer outro aspecto da Festa, o que dismistifica a impressão de que o universo simbólico, ritual e religioso desta manifestação não tem se afastado, mas tem se aproximado a cada ciclo das referências que significam o que é Pirenópolis em suas tradições. Participam também as famílias tradicionais que, desterritorializadas, foram empurradas para outros bairros da cidade em função do aumento de preços e especulação imobiliária que acomete o centro da cidade por causa do turismo, e que passam a conviver e valorizar as tradições que enraizaram seus ancestrais na cidade em primeiro lugar.

Dona Célia, curadora e dona do Museu das Cavalhadas de Pirenópolis, Seu Itamar, articulador cultural tradicional da cidade e ex-secretário de Turismo, e Seu Lucinho, artesão de máscaras de papel tradicionais de Pirenópolis, todos articuladores das tradições locais, revelam que o Reinado tem a característica da força dos moradores da cidade:

Célia: O Reinado de Nossa Senhora do Rosário eu já fiz também. Em 88, se não me engano, eu fiz o Reinado de Nossa Senhora do Rosário. Então assim, é uma festa muito bonita, é uma festa que eu gosto demais, eu vivi isso e eu vivo isso até hoje. É a festa que é do povo.

Itamar: Aí o Reinado e o Juizado é o seguinte. Foram festas dos escravos que com o tempo se incorporou à Festa do Divino Espírito Santo. Hoje em dia todo mundo fala Festa do Divino Espírito Santo. Dentro da programação da Festa do Divino você tem o Reinado e o Juizado na segunda e terça. Tipo assim, todo mundo fala Reinado, genericamente fala Reinado os dois dias. Sendo, parece que o Reinado é só Nossa Senhora do Rosário na segunda-feira, e o Juizado de São Benedito. Aí todo mundo fala Reinado, é cultural também isso aí. Então é isso, é a festa dos escravos, dos negros que foi se incorporando à Festa do Divino Espírito Santo, e hoje é uma festa que tem grande participação popular também. É um dos pontos altos da Festa, eu acho.

Lucinho: O Reinado? (...) Hoje se você vier aqui na festa ver o Reinado, se vê trem de doido. [...] Só você ver pra acreditar. Acompanha o Reinado mais de mil pessoas, come tudo por conta do Rei. Come, e bebe. É vinho, licor, refrigerante, é tudo.

Portanto, vê-se que as dificuldades enfrentadas pela articulação popular, imbuída das tradições culturais e religiosas, transformou-se em forças para dar vazão às celebrações e festejos a partir da iniciativa coletiva, liderada por uma linhagem de Andadores, resistindo às pressões socioeconômicas e culturais que transformam a cidade, e as próprias manifestações.

RENASCIMENTOS DE UMA TRADIÇÃO CULTURAL

A pesquisa que proporcionou a escrita deste artigo foi feita num programa de pós-graduação em educação. Isto porque entende-se que toda tradição cultural, *antes* de ser uma festa, é um processo educativo – longo, intenso e baseado nas experiências que se dão durante toda uma vida. Sem que a cultura seja praticada para que seja vivida e então responsabilizada pelas próximas gerações, as tradições acabam, e se esvaem como os corpos de seus detentores antepassados. Sem pessoas mais velhas e mais novas para articular as tradições é que há a tendência de que se extinga. No caso do Reinado de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos e do Juizado de São Benedito de Pirenópolis, o número de praticantes da comunidade local perpetua as celebrações das festas, e o próprio Andador do Reinado, Seu Herculano pretende dar a continuidade familiar ao seu cargo e, portanto, dar longevidade à manifestação de que é regente, e devoto:

Herculano: O meu menino, é. Eu fico em cima. Ele quer ajudar, coisa e tal, já sabe mais ou menos como funciona. Porque tem um caminho, né. O Rei de Nossa Senhora do Rosário vai buscar o Juiz de São Benedito na segunda-feira. No outro dia você tem que levantar, vamos dizer, 7 horas da manhã pra o Juiz de São Benedito buscar o Rei de Nossa Senhora do Rosário. Segunda-feira tem a ressaca que todo mundo tá nela, né, porque o povo bebe, você sabe como é que é?

Eu já ensinei tudo a ele.

Ele vai comigo ué! [...] O meu menino está com 12 anos. Então eu falei pra ele, e aí há o interesse dele. [“L. F.”], vamos, o Reinado é assim, assim... ele sabe tudo já. Até os toques de sinos...
[E meu pai] Fez isso comigo também.

Todo dia de festa de culturas populares, todo dia de celebração é um dia de ambiente educativo, é um dia em que se exerce a cultura em comunidade. Em todo dia de celebração de tradições populares abrem-se possibilidades para o milagre do renascimento de tradições, de transformação, de busca, de luta e resistência. Todo dia de Reinado em Pirenópolis é dia de confirmar a existência de uma comunidade que não quer abandonar o Reinado.

BIBLIOGRAFIA

- BRANDÃO, C. R. **O Divino, o Santo e a Senhora**. Rio de Janeiro: Funarte, 1978.
- CERIPES, P. H. F. **Fontes para a história da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos em Pirenópolis**. HIS/UnB, 2014.
- IPHAN. **Dossiê Festa do Divino Espírito Santo de Pirenópolis – GO**. Brasília, Departamento do Patrimônio Imaterial, 2008.
- PEQUENO, S. N. F. **Educação, criação e autoria nas manifestações tradicionais das culturas populares: as manifestações da Festa d Divino de Pirenópolis – GO**. PPGE/UnB, 2015.